



Uma árvore, um voto

Faltam 15 milhões de árvores nas cidades brasileiras. O número é estimado a partir da pesquisa de indicadores urbanos divulgada na sexta-feira pelo IBGE. Parece uma floresta, mas é um capão se comparado ao que as motosserras cortam por ano. Desde 2002 foram derrubadas mais de 2,6 bilhões de árvores na Amazônia brasileira. Os 15 milhões que faltam nas cidades é 0,6% dessa devastação, as árvores cortadas a cada 19 dias. É pouco em proporções amazônicas, mas plantá-las transformaria radicalmente a paisagem urbana do Brasil -e a sorte de alguns milhares de prefeitos.

Os recenseadores do IBGE anotaram dez melhoramentos urbanísticos que havia (ou faltava) na frente de cada domicílio urbano brasileiro. A arborização é um deles: diminui as ilhas de calor ao regular o microclima local, conserva o asfalto, retém água da chuva e captura carbono da atmosfera. E isso sem contar os benefícios indiretos que o plantio de árvores requer e provoca.

Dois em cada três moradias brasileiras já desfrutam de uma árvore próxima à sua fachada. O terço que falta corresponde às 15 milhões de árvores que precisariam ser plantadas. O problema é mais grave nos 25% dos municípios brasileiros onde menos da metade dos domicílios têm arborização à porta. Candidatos a prefeito dessas 1.412 cidades poderiam inovar no seu slogan de campanha: um voto para cada árvore plantada. Definir a arborização como “a” prioridade de um governo pode soar como blague. Não é.

Quando Paul O’Neill assumiu o comando da Alcoa, a gigante mundial do alumínio perdia clientes e lucratividade. Foi com esperança que investidores encontraram o novo CEO, em outubro de 1987, para ouvir seus planos. Mas a estupefação tomou o salão quando O’Neill, um ex-burocrata governamental, anunciou sua maior prioridade: “Pretendo fazer da Alcoa a empresa mais segura dos Estados Unidos. Acidente zero”. Nenhum blá do blablá tradicional sobre “sinergia”, “redução de custos” e “maximização de lucros”. A estupefação virou venda desenfreada de ações. Foi um mau negócio para quem vendeu.

Um ano depois, o lucro da Alcoa já batia recordes. Quando O’Neill se aposentou, em 2000, o faturamento líquido da empresa era cinco vezes maior do que quando ele lançou a política de “acidente zero”. Quem comprara as ações dos estupefatos investidores em 1987 tinham visto seu investimento quintuplicar de valor em 13 anos, além de embolsar em dividendos um dólar para cada dólar investido. A história está em “The Power of Habit”, lançado este ano pelo jornalista Charles Duhigg, do The New York Times.

E tudo isso aconteceu só por causa da redução dos acidentes de trabalho? Não. O’Neill usou uma meta que todos os milhares de funcionários entenderam (acidente zero) para revolucionar a produção e o gerenciamento da Alcoa. Ele promoveu uma mudança de hábitos. Para ter zero acidentes, peões, gerentes e executivos precisaram, por exemplo, se comunicar melhor.

“Eu tinha que transformar a Alcoa, mas não podia simplesmente mandar as pessoas mudarem. Não é assim que o cérebro funciona. Por isso decidi focar em uma coisa. Se conseguíssemos quebrar os hábitos em torno dessa coisa, isso se espalharia através de toda a empresa”, explicou O’Neill a Duhigg. Do mesmo modo que zerar os acidentes transformaram a Alcoa, plantar árvores tem o potencial de mudar o jeito que as prefeituras e prefeitos trabalham.

Arborizar não é caro. Entre muda e plantio, cada nova árvore sai por R\$ 300 na cidade de São Paulo. Estudos acadêmicos -um feito em Curitiba e outro na Esalq-USP- chegaram a valores semelhantes. Plantar as 828 mil árvores que faltam nas ruas paulistanas, por exemplo, custaria menos de R\$ 250 milhões -uma fração do que o prefeito Gilberto Kassab (PSD) guardou para investir no ano de sua sucessão. O problema não é dinheiro. É hábito.

Para plantar uma árvore, é preciso que a rua esteja pavimentada, que a calçada e o meio-fio existam. Ou seja, a urbanização precede o plantio. Se um prefeito impor a meta de zerar o déficit de árvores de sua cidade, terá que melhorar a urbanização junto. Duas cidades brasileiras têm 100% de ruas pavimentadas, com calçadas, meio-fio e uma árvore na frente de cada casa. Poderiam ser 5.565. Custa R\$ 4,5 bilhões e novos hábitos.